

NOTAS SOBRE A PEDAGOGIA DE HUGO DE SÃO VÍTOR

Índice Geral

Época de Hugo de São Vitor.

A pedagogia vitorina.

O estudo na pedagogia vitorina.

Conselhos diversos ao estudante. O estudante deve ser humilde.

O que é a humildade.

Renúncia.

Buscar em primeiro lugar a verdade.

Método.

Nunca abandonar as boas obras.

O estudo deve ser um deleite.

O que estudar.

Estudar com o propósito de ensinar.

Aspirar às coisas mais altas.





NOTAS SOBRE A PEDAGOGIA DE HUGO DE SÃO VÍTOR

Época de Hugo de São Vitor.

Hugo de São Vitor nasceu na Saxônia, que hoje faz parte do território da Alemanha, no ano de 1096. Ainda jovem sentiu a vocação religiosa e mudou-se para Paris com a intenção de ingressar no Mosteiro de São Vitor, no qual residiu até a sua morte em 1141. Ele viveu, portanto, na primeira metade do século dos anos 1100.

A época em que viveu Hugo de São Vitor foi uma das mais importantes da história da civilização ocidental, pois foi nela que começaram a se organizar as nações que hoje fazem parte da Europa.

Mil e cem anos antes da época de Hugo, quando nasceu Jesus Cristo, não existiam Inglaterra, França, Alemanha, Portugal nem tantos outros países da Europa. Na época de Cristo a Europa, o norte da África e o Oriente Médio constituíam um todo conhecido como Império Romano. A ausência de fronteiras e as facilidades de comunicação dentro de um império tão grande muito auxiliou para que o cristianismo se propagasse mais facilmente por todo o mundo civilizado daquele tempo.

Entretanto, a partir dos anos 400 e durante vários séculos que se seguiram, muitas hordas de bárbaros provenientes da Europa Oriental e do interior da Ásia passaram a invadir o território do Império Romano que acabou aos poucos se esfacelando. Embora tivesse havido algumas épocas de calma, as invasões e as desordens que resultaram delas só puderam começar a ser definitivamente controladas, possibilitando a organização daquelas que são as atuais nações da Europa, na época de Hugo de São Vitor. Entre o ano 1100, próximo ao nascimento de Hugo, e o ano 1300, próximo à morte de Santo Tomás de Aquino, houve um extraordinário renascimento da civilização na Europa em todos os aspectos, incluindo a vida religiosa, a teologia e a educação. Pertencem a este período da

história as vidas de São Francisco de Assis e de São Domingos.

No início deste período, no ano 1100, São Vitor era o nome de uma capelinha situada nos arredores de Paris e freqüentada por pessoas que vinham, longe do tumulto da cidade, consagrar algum tempo à meditação e à oração. Em 1108, com o fim de melhor poder dedicar-se às coisas de Deus, um sacerdote professor da escola anexa à Catedral de Notre Dame, chamado Guilherme de Champeaux, transferiu-se para lá junto com vários de seus alunos. Mesmo residindo em São Vitor, Guilherme continuou sendo procurado, não só pelo seu exemplo, como também pelos seus ensinamentos, que não deixou de ministrar. Assim surgiu ali o mosteiro de São Vitor.

Quando Hugo pediu para ser admitido no mosteiro de São Vitor, Guilherme já não residia mais nele. Tinha sido promovido a bispo e havia deixado outros em seu lugar, encarregados do governo do mosteiro. Algum tempo depois a tarefa de organizar a escola de Teologia anexa ao mosteiro seria confiada a Hugo de São Vitor.

Raras vezes na história humana uma escolha pôde ter sido tão feliz. No mosteiro organizava-se uma grande biblioteca que daria acesso a Hugo ao que de melhor havia sido escrito pela tradição cristã. A fama de São Vitor já havia atravessado as fronteiras e espalhava-se por toda a Europa; ela trazia ao mosteiro, de todas as partes, estudantes de notável talento, como tinha sido o caso do próprio Hugo, que para lá se tinha dirigido proveniente do Sacro Império Germânico, de Ricardo de São Vitor, que ali chegou proveniente da Escócia, e de Pedro Lombardo, que vinha do norte da Itália encaminhado por São Bernardo. Já é coisa rara que um talento da envergadura de Hugo, homem de inteligência brilhante, santidade manifesta e notável vocação docente se veja diante de tantos e tão excelentes recursos materiais e humanos; mais raro ainda é que alguém nestas condições se veja encarregado de, além de ensinar, organizar também a escola. Esta tarefa suplementar obrigou Hugo adicionalmente a explicar aos alunos como se deveria estudar, aos professores como se deveria ensinar e à escola como se deveria organizar, e isto não para obter algum diploma, que naquela época ainda de nada valiam, mas para, a partir de um sólido conhecimento das Sagradas Escrituras e das obras dos Santos Padres, empreenderem a busca da santidade.

O conjunto da obra de Hugo de São Vitor mostra que ele elaborou um sistema de Pedagogia em que o estudo de torna um instrumento de ascese em perfeita consonância com os ensinamentos do Novo Testamento a respeito da fé, da graça e da oração, da necessidade da graça para a prática das virtudes e dos frutos que se esperam do desenvolvimento da vida espiritual.

Hugo de São Vítor mostrou, em suma, como se organiza o estudo, o ensino e a escola para que, sem deixar de ser uma escola, nem perder nenhuma das características que tradicionalmente se atribuem a uma escola, ela tenha como meta a santidade. Esta meta não é algo acrescentado ou justaposto ao que já seria a escola, mas é aquilo que dita a própria essência de sua organização e de seus métodos.

Hugo mostrou ainda que se isto pode ser possível, é porque esta é a verdadeira e legítima finalidade da escola. São as outras escolas, e não esta, que representam um desvio do verdadeiro ideal do ensino.





A pedagogia vitorina.

Uma das características marcantes da pedagogia moderna consiste no ter ela conseguido dissociar, cada vez mais profundamente ao longo dos últimos 700 anos, o estudo da busca de Deus.

Em sua época, Hugo de São Vitor organizou o estudo como um instrumento de ascese cristã a ser utilizado conjuntamente com os demais meios para o desenvolvimento da vida do espírito. Quatrocentos anos mais tarde, na época da Renascença, com o advento da educação a que se chamou de humanista, o estudo passou a ser utilizado somente como instrumento para a formação do caráter; se as escolas religiosas ainda orientavam os alunos a respeito da vida espiritual, esta orientação era algo paralelo ou acrescentado à escola e não tinha mais relação necessária com o estudo nela desenvolvido pelos alunos.

Mais recentemente, principalmente nos dois últimos séculos, abandonou-se também o espírito da educação humanista e o objetivo mais importante do sistema escolar deixou de ser a formação do caráter do aluno para se tornar a aquisição de determinadas habilidades úteis para a sociedade ou exigidas pelo mercado de trabalho. A formação do caráter passou a ser buscada, de modo principal, indiretamente através da aquisição e do exercício destas habilidades. No mundo moderno, de fato, não é um conhecimento profundo da natureza humana que determina como a escola deve ser organizada, mas são as diferentes políticas de desenvolvimento e as diversas necessidades do mercado de trabalho que exigem um determinado número de profissionais habilitados que ditam as orientações das políticas educacionais.

Na educação vitorina, porém, o estudo é organizado de tal modo que se torna parte integrante da ascese cristã. O estudo e a ascese não são atividades independentes nem paralelas. Ao contrário, uma coisa faz parte da outra, a tal ponto que este pode ser corretamente identificado como um dos elementos que distinguem o que se pode chamar de espiritualidade vitorina, uma determinada forma de desenvolvimento da vida cristã que inclui dentro dela a pedagogia, e que pode se desenvolver,

como em um lugar próprio, em uma escola.

Não é possível expor em poucas páginas a pedagogia vitorina, porque ela não se encontra apenas nos textos especificamente dedicados por Hugo de São Vitor a este assunto, mas está também espalhada em toda a sua obra, freqüentemente entrelaçada com princípios de Filosofia e Teologia que pervadem não só os seus escritos como também os de seu discípulo Ricardo de São Vitor, cuja obra, juntamente com a de Hugo, forma um só conjunto.

Sendo assim, o que examinaremos em seguida, embora faça parte da pedagogia de Hugo de São Vitor, não é um resumo da pedagogia vitorina, mas apenas um apanhado de algumas observações retiradas de suas obras, das quais ele se utilizava para orientar aqueles que tinham a intenção de se dedicar ao estudo da Ciência Sagrada no intuito de buscarem a Deus.





O estudo na pedagogia vitorina.

Vamos examinar mais extensamente o nono capítulo do Quinto Livro do Didascalicon, em que Hugo de São Vitor explica a função do estudo dentro do conjunto da vida espiritual, como ele deve coordenar-se com os demais meios de perfeição, qual a relação que ele tem para com o papel da graça e como ele se ordena, através da oração, à contemplação.

Na maioria das escolas modernas a finalidade da atividade do aluno é a apreensão do conteúdo de uma determinada disciplina tal como é exposta pelo professor. Se a escola conseguir, além disto, motivar o aluno a estudar por si mesmo e mais profundamente aquilo que o professor expôs, pode-se considerar o ensino ministrado por esta escola como sendo de alta qualidade.

O texto abaixo de Hugo de São Vitor mostra, no entanto, que a atividade da escola vitorina começa precisamente aí onde terminam as aspirações da escola moderna. Motivar o aluno para o estudo não é o objetivo da pedagogia vitorina, mas o seu ponto de partida. Segundo Hugo de São Vitor o estudo, enquanto tal, ele próprio se ordena a uma série de outras atividades do espírito, e todas estas, por sua vez, se ordenam, mediante o auxílio da graça, como ao seu fim, ao que se chama de contemplação. No entender de Hugo de São Vitor, portanto, a função da escola inclui muitas mais coisas do que apenas o estudo, embora seja organizada de tal modo que, no que depende dela, o estudo seja a origem de todas.

Texto de Hugo de São Vitor. Dicalcalicon, L.V, C.9.

"Há quatro coisas nas quais se exerce a vida dos santos, que são como degraus pelos quais se elevam à futura perfeição. São estes:

- o estudo,
ou doutrina;
- a meditação;
- a oração;
- a ação.

Há ainda uma quinta que se segue destas, que é a contemplação, que é, de certo modo, o fruto destas quatro primeiras. Na contemplação temos antecipadamente já nesta vida a futura recompensa das boas obras. Foi por isto que o salmista, falando dos preceitos de Deus e recomendando-os, logo em seguida acrescentou:

*"Grande é a
recompensa
para os que
os
observarem".*

Salmo

18

Destes cinco graus que falamos, o primeiro, isto é, a leitura, pertence aos principiantes. O maior de todos, isto é, a contemplação, pertence aos perfeitos. Quanto aos intermediários, será mais perfeito aquele que os tiver subido em maior número. Em outras palavras, o primeiro, isto é, a leitura, dá a inteligência. O segundo, a meditação, fornece o conselho. O terceiro, a oração, pede. O quarto, a ação, busca. O quinto, a contemplação, encontra.

Se, portanto, lês, ou estudas, e tens por isto a inteligência e conhecestes o que se deve fazer, isto já é princípio do bem, mas ainda não te será suficiente, não és perfeito ainda.

Sobe, pois, na arca do conselho, e medita como poderás realizar aquilo que aprendeste através da leitura e do estudo que deve ser feito. De fato, houve muitos que possuíram a ciência, mas poucos foram aqueles que souberam de que modo era importante saber.

O conselho do homem, porém, sem o auxílio divino, é enfermo e ineficiente. É necessário, pois, levantar-se à oração, e pedir o seu auxílio, sem o qual nenhum bem pode ser feito; isto é, a sua graça, a qual, antes que tivesses chegado até aqui para pedí-la era ela que já te iluminava, e daqui para a frente será quem haverá de dirigir os teus passos para o caminho da paz, e de cuja única boa vontade depende que sejas conduzido ao efeito da boa obra.

Resta agora para ti que te prepares para a boa ação, de tal maneira que aquilo que pedes na oração mereças receber pela obra, se Deus consigo quiser operar. Não serás obrigado, serás ajudado. Se apenas tu operares, nada realizarás; se apenas Deus operar, nada merecerás. Opere Deus para que tu possas; opera tu para que algo mereças. O caminho pelo qual se vai à vida é a boa obra, e aquele que corre por este caminho busca a vida.

Conforta-te e age virilmente. Esta via tem o seu prêmio. E quantas vezes, fatigados pelos seus trabalhos, não somos ilustrados do alto pela graça, saboreando e vendo

***"quão
suave é
o
Senhor".***

**Salmo
33**

Assim se realiza o que dissemos acima, que aquilo que a oração busca, a contemplação encontra".





Conselhos diversos ao estudante. O estudante deve ser humilde.

A humildade, diz Hugo de São Vitor, é o princípio do aprendizado. O estudante que desde o início não é movido pela humildade, nunca alcançará a sabedoria. Vamos examinar, a este respeito, a introdução do Opúsculo sobre o Modo de Aprender:

**"A
humildade",**

diz Hugo de São Vítor,

**"é o princípio
do
aprendizado, e
sobre ela,
muita coisa
tendo sido
escrita, as três
seguintes, de
modo
especial,
dizem respeito
ao estudante.**

**A primeira é
que não tenha
como vil
nenhuma
ciência e
nenhuma
escritura.**

**A segunda é
que não se
envergonhe de
aprender de
ninguém.**

**A terceira é
que, quando
tiver
alcançado a
ciência, não
despreze aos
demais.**

**Muitos se
enganaram por
quererem
parecer sábios
antes do
tempo, pois
com isto se
envergonharam
de aprender
dos demais o
que
ignoravam. Tu,
porém, meu
filho, aprende
de todos de
boa vontade
aquilo que
desconheces.
Serás mais
sábio do que
todos, se
quiseres
aprender de
todos.
Nenhuma
ciência,
portanto,
tenha como
vil, porque
toda ciência é
boa. Nenhuma
escritura, ou
pelo menos,
nenhuma lei**

**desprezes, se
estiver à
disposição. Se
nada lucrases,
também nada
terás perdido.
Diz, de fato, o
Apóstolo:
"Omnia
legentes, quae
bona sunt
tenentes" (I
Tes 5).**

**O bom
estudante
deve ser
humilde e
manso,
inteiramente
alheio aos
cuidados do
mundo e às
tentações dos
prazeres, e
solícito em
aprender de
boa vontade
de todos.**

**Nunca
presuma de
sua ciência;
não queira
parecer douto,
mas sê-lo;
busque os
ditos dos
sábios, e
procure
ardentemente
ter sempre os
seus vultos
diante dos**

***olhos da
mente, como
um espelho".***





O que é a humildade.

A humildade, segundo Hugo de São Vítor, coincide com a primeira bem aventurança, aquela da qual Jesus dizia:

***"Bem
aventurados
os pobres
de espírito,
porque
deles é o
Reino dos
Céus",***

**Mat .
5 , 3**

e que é o ponto de partida da vida cristã. Sobre esta passagem diz Hugo de São Vitor:

***"Bem
aventurados
os pobres
de espírito,
porque
deles é o
Reino dos
Céus: há os
que são
ricos de
espírito, e
há os que
são pobres
de espírito.
Os ricos de
espírito são
os
soberbos;***

***os pobres
de espírito
são os
humildes".***

**Allegoriae
Utriusque
Testamenti,
NT, II, 1**





Renúncia.

Disse Jesus que quem não renuncia a si mesmo não poderia ser seu discípulo. Não era outro o objetivo dos alunos de Hugo de São Vitor senão serem discípulos de Cristo, aprenderem o que é o Evangelho, como se o vive e como se pode ensiná-lo aos outros. Assim também Hugo fêz exigências similares às de Cristo aos seus estudantes. O estudante que desejar elevar-se até Deus deve ser, conforme já vimos,

***"humilde e
manso,
inteiramente
alheio aos
cuidados
do mundo
e às
tentações
dos
prazeres,
e solícito
em
aprender
de boa
vontade de
todos".***





Buscar em primeiro lugar a verdade.

***"É
necessário
também",***

diz Hugo de São Vitor,

***"que aquele
que tiver
iniciado este
caminho
procure
aprender
nos livros
em que
estudar não
apenas pela
beleza do
fraseado,
mas também
pelo
estímulo que
eles
oferecem à
prática das
virtudes, de
tal maneira
que o
estudante
procure
neles não
tanto a
pomposidade
ou a arte das
palavras,
mas a beleza
da verdade".***

Didascalicon,

v, 7

Eis algo que, na pedagogia vitorina, é de essencial importância.

Jesus promete, no Evangelho, como prêmio aos que seguirem os seus preceitos, que encontrarão a verdade e a verdade os libertará, ou tornará livres. Ao dizer isto, Jesus se referia à verdade que se alcança através do dom do Espírito Santo a que as Escrituras denominam de sabedoria, um objetivo elevadíssimo, ao qual se ordena todo o desenvolvimento da vida espiritual. O estudante, porém, que desejar chegar a tanto, deverá acostumar-se primeiro a deixar-se libertar continuamente através de verdades menores. Consideremos, pois, primeiramente, do que libertam estas verdades menores.

Na vida humana o desenvolvimento da vida do intelecto é sempre precedido pelo desenvolvimento da vida dos sentidos, e é só gradualmente que se uma se emancipa à outra. Mesmo assim, porém, isto só ocorre com naturalidade quando a vida das virtudes e da inteligência se inicia precocemente e bem, algo raramente observado nos dias de hoje. Quando não é este o caso, o homem desenvolve uma visão do mundo que partirá de uma apreciação fortemente baseada nos sentidos, cujos critérios de validade serão a servilidade na imitação dos costumes sociais e a força das paixões e não a evidência da verdade. Nestas condições, o desenvolvimento da inteligência será orientado para que esta sirva de instrumento para a vida dos sentidos e das paixões.

No Eclesiástico pode-se ler:

**"Assim como
o Sol
resplandecente
ilumina todas
as coisas,
assim da
glória do
Senhor estão
cheias as
suas obras".**

**Ecles.
43,16**

A primeira parte desta sentença é evidente para todos, em qualquer época e lugar. Já a segunda será percebida com naturalidade, mas de forma gradual e com força sempre crescente, naqueles em que a virtude e a inteligência se iniciaram desde cedo, assim que se tiverem apresentado as primeiras possibilidades de o fazerem; para as demais pessoas, a segunda parte da sentença do Eclesiástico pouca coisa significará além de uma simples poesia que se esquece após ter sido ouvida. Por mais que os primeiros tentem explicar aos segundos que algo de verdadeiramente extraordinário nos está sendo apontado na segunda parte desta passagem do Eclesiastes, eles não conseguirão entender a razão para tanto entusiasmo. Embora freqüentemente eles próprios não se dêem conta deste fato, as psicologias de ambos estes grupos de homens foram construídas de um modo estruturalmente diverso e é por isso que o Eclesiastes também nos diz a este respeito:

***"Os perversos
dificultosamente
se corrigem,
e o número dos
insensatos é
infinito;
se a árvore cair
para a parte do
meio dia, ou
para a do norte,
em qualquer
lugar onde cair,
aí ficará".***

**Ec .
1 , 14 ;
9 , 3**

Deve-se considerar, além disso, que mesmo para os homens de ambos os casos, a mensagem contida na Revelação estará sempre situada num plano extraordinariamente mais elevado do que aquele em que os homens costumam colocar-se. A este respeito nos diz, de fato, o profeta Isaías:

***"Os meus
pensamentos
não são os
vossos
pensamentos,
nem os meus
caminhos
são os meus
caminhos,
diz o Senhor.
Quanto o céu
sobe em
elevação à
terra,
tanto se
elevam os***

***meus
caminhos
acima dos
vossos,
e os meus
pensamentos
acima dos
vossos".***

**Is .
55,8-
9**

Esta é a razão por que todos aqueles que se dedicam ao estudo da Ciência Sagrada se deparam constantemente com uma visão do mundo que difere enormemente de suas opiniões e pontos de vista pessoais. Ainda que se tratem das melhores pessoas, elas encontram incessantemente neste estudo a proposta de vivência de virtudes e apresentação de verdades que estarão em conflito com os seus pequenos pontos de vista pessoais. Se o estudo da Ciência Sagrada é conduzido corretamente isto não será uma ocorrência fortuita, mas algo que deverá acontecer continuamente, pois esta é precisamente uma das justificações para a sua existência.

O que fazer, porém, quando nos encontrarmos diante de um evento como este? Admirar a beleza da verdade apreendida não será suficiente; será necessário renunciar decididamente aos nossos próprios pontos de vista, que freqüentemente representam o atrelamento da inteligência à vida das paixões, libertando-a para habituá-la a seguir mais docilmente a evidência da verdade. A menos que estejamos dispostos a isto estaremos estudando, no dizer de Hugo de São Vitor, apenas pela "beleza do fraseado e pela arte das palavras" e não "pela prática das virtudes e pela busca da verdade".

Deve-se considerar, ademais, que há um motivo mais específico pelo qual nesta passagem do Didascalicon Hugo de São Vitor se referiu aos alunos que buscam no estudo a beleza do fraseado e a arte das palavras como sendo aqueles que se desviaram da

verdadeira meta. É que em sua época, assim como em todo o mundo antigo, o principal desvio da educação se manifestou sob a forma da educação retórica, a qual deu origem, durante a Renascença, à educação que hoje se conhece como humanista, em que o aluno estudava para alcançar uma bagagem razoável de cultura geral através da qual adquiriria boas maneiras e a capacidade de escrever e falar corretamente e bem. A expressão de Hugo de São Vitor, ao dizer que estes alunos se aproximavam da escola já com a idéia preconcebida de que ali estavam para buscar "a beleza do fraseado e a arte das palavras" descreve perfeitamente a atitude fundamental que à época norteava a muitos em seus estudos. Hoje em dia não percebemos mais a força que estas poucas palavras de Hugo tinham porque o principal desvio da educação consiste em estudar com a finalidade de aprender alguma profissão ou técnica com a qual pode-se conseguir, ou não, um retorno financeiro. Este, na ótica da pedagogia vitorina, é um desvio ainda mais grave e ao qual só pode ter-se chegado por ter-se passado primeiro pelo anterior sem que se tivesse percebido suficientemente toda a gravidade do que estava ocorrendo.

Para Hugo de São Vitor o que o estudante deve procurar com o estudo é o libertar-se, através da busca da verdade, da estreita visão de mundo que lhe é imposta pela vida das paixões e de que vive tanto ele como a sociedade à qual ele imita. Estas coisas aprisionam a inteligência e não lhe permitem seguir a luz da graça e a própria evidência de uma verdade que deveria, à medida em que é buscada, tornar-se cada vez mais radiante.





Método.

**"Aquele
que
diante
de uma
multidão
de
livros
não
guarda
o modo
e a
ordem
da
leitura",**

continua Hugo de São Vitor,

**"como que
andando em
círculos no
meio de uma
densa
floresta,
perde-se do
reto
caminho. É
de pessoas
assim que a
Sagrada
Escritura diz
que estão
sempre
aprendendo,
mas nunca
chegam ao
conhecimento
da verdade".**

Didascalicon
V, 5





Nunca abandonar as boas obras.

***"Saiba o
estudante
que não
chegará
ao seu
propósito
se se
dedicar
de tal
maneira
apenas
ao estudo
que se
veja
obrigado
a
abandonar
as boas
obras".***

**Didascalicon
V, 7**





O estudo deve ser um deleite.

"Saiba também que não chegará ao seu propósito se, movido por um vão desejo de ciência, dedicar-se às escrituras obscuras e de profunda inteligência, nas quais a alma mais se preocupa do que se edifica. Para o filósofo cristão o estudo deve ser uma exortação, e não uma preocupação; deve alimentar os bons desejos, e não secá-los. Como gostaria de mostrar àqueles que se puseram ao estudo por amor da virtude, e

*não às
letras, o
quanto é
importante
para eles
que o estudo
não lhes
seja ocasião
de aflição,
mas de
deleite.*

*Quem , de
fato, estuda
as escrituras
como
preocupação
e, por assim
dizer, as
estuda para
aflição do
espírito, não
é filósofo,
mas
negociante,
e
dificilmente
uma
intenção tão
veemente e
indiscreta
poderá estar
isenta de
soberba.
Deve-se
considerar
também que
o estudo de
duas
maneiras
costuma
afligir o
espírito, a
saber, pela*

**qualidade,
se se tratar
de um
material
muito
obscuro, e
pela sua
quantidade,
se houver
demais para
estudar. Em
ambos estes
casos deve-
se utilizar de
grande
moderação,
para que não
aconteça
que aquilo
que é
buscado
como uma
refeição
venha a ser
utilizado
para sufocar-
nos. Há
aqueles que
tudo querem
estudar; tu
não
contendas
com eles,
seja-te
suficiente a
ti mesmo:
que nada te
importe se
não tiveres
lido todos os
livros. O
número de
livros é**

***infinito, não
queiras
seguir o
infinito.
Onde não
existe o fim,
não pode
haver
repouso;
onde não há
repouso, não
há paz; e
onde não há
paz, Deus
não pode
habitar".***

**Didascalicon
v, 7**





O que estudar.

Eis uma questão impossível de se responder inteiramente em poucas páginas. Segundo Hugo de São Vítor, o estudo deve conduzir à aquisição da Ciência Sagrada, através da qual o aluno possa conduzir-se, por sua vez, no caminho da virtude e da contemplação. Surge então a questão de o que, segundo este modo de se entender o estudo, deve-se estudar ou deixar de estudar.

A primeira resposta que encontramos nos escritos de Hugo de São Vitor a este respeito é que se deve estudar tudo, sem desprezar nada. Uma afirmação como esta pode parecer, num primeiro exame, um despropósito, mas Hugo, neste ponto, foi bastante claro. Segundo ele nos explicou no início do Opúsculo sobre o Modo de Aprender, o aluno que despreza de antemão qualquer forma de conhecimento, o aluno que "tem como vil alguma ciência ou alguma escritura", mostra não possuir com isto a virtude da humildade, e a humildade é, segundo Hugo, "o princípio de todo o aprendizado". E no sexto livro do Didascalicon ele vai ainda mais longe; ali ele nos diz o seguinte:

***"Eu ousou
afirmar que
nunca
desprezei
nada que
pertencesse
ao estudo; ao
contrário,
freqüentemente
aprendi muitas
coisas que
outros as
tomariam por
frívolas ou
mesmo
ridículas.
Algumas
destas coisas
foram pueris, é***

**verdade;
todavia, não
foram inúteis.
Não digo isto
para jactar-me
de minha
ciência, mas
para mostrar
que o homem
que prossegue
melhor é o que
prossegue
com ordem,
não o homem
que, querendo
dar um grande
salto, se atira
no precipício.
Assim como
as virtudes,
assim também
as ciências
tem os seus
degraus. É
certo, tu
poderias
replicar:**

**`Mas há coisas
que não me
parecem ser
de utilidade.
Por que eu
deveria manter-
me ocupado
com elas?'**

**Bem o
disseste. Há
muitas coisas
que,
consideradas
em si mesmas,**

*parecem não
ter valor para
que se as
procurem,
mas, se
consideradas
à luz das
outras que as
acompanham,
e pesadas em
todo o seu
contexto,
verifica-se que
sem elas as
outras não
poderão ser
compreendidas
em um só
todo, e,
portanto, de
forma alguma
devem ser
desprezadas.
Aprende a
todas, verás
que nada te
será supérfluo.
Uma ciência
resumida não
é uma coisa
agradável".*

Se este texto do Didascalicon é claro ao afirmar que o estudo não deve excluir de seu interesse nenhuma forma de conhecimento, ele não é porém menos claro ao explicar as razões pelas quais se recomenda tal preceito. Hugo quer que o aluno nada exclua de seu interesse para com isto aprender a buscar metodicamente a integridade do conhecimento que é um todo ordenado cujas partes principais não podem ser compreendidas em um só conjunto sem o concurso das partes secundárias. Se o estudante, portanto, não deve desprezar nenhuma forma de conhecimento, isto não significa que deve

aplicar-se a todas por igual ou preferir umas às outras sem critério. Indubitavelmente, segundo Hugo de São Vitor, a parte principal do estudo é o conhecimento das Sagradas Escrituras e da Ciência Sagrada que dela deriva.

O que, porém, e como deve ser estudado para se alcançar o conhecimento desta Ciência Sagrada é algo que não é possível de ser respondido nas poucas páginas deste texto. Há, entretanto, pelo menos um critério tão importante que não pode deixar de ser aqui mencionado. Pelas explicações e pelos exemplos dados por Hugo de São Vitor, depreende-se que, independentemente da questão do conteúdo do estudo, ele deve ser conduzido preferencialmente através dos textos cujos autores escreveram manifestamente sob a influência dos dons de entendimento e sabedoria, e que são, em geral, os escritos dos teólogos que também foram santos. A razão desta exigência consiste em que, conforme já havíamos apontado, o estudo deve ordenar-se, como ao seu fim último, à contemplação. Chama-se contemplação àquela operação da alma que surge no homem quando, sob a influência dos dons do Espírito Santo de entendimento e de sabedoria, a uma fé firme, constante e pura se acrescenta uma caridade intensa. Quando o homem consegue viver as virtudes teológicas num grau tão alto a ponto de poder elevar-se à contemplação, esta se torna um dos principais meios de santificação para o homem. As obras dos teólogos em que se manifesta a influência do dom de entendimento ou do dom de entendimento elevado pelo dom de sabedoria são obras que derivam, portanto, do próprio exercício da vida contemplativa. "Elas são doces e repletas de amor pela vida eterna", diz Hugo de São Vitor no quinto livro do Didascalicon. O convívio do aluno com elas, ao contrário das demais obras, ainda que tratem dos mesmos assuntos, habitua-o gradativamente a perceber que elas têm uma origem diversa dos livros comuns e acaba por auxiliá-lo a conduzir-se na busca da contemplação. Ora, é justamente este o fim a que se ordena o estudo, e é por isto que as próprias Sagradas Escrituras já distingüiam entre estes e os demais livros:

**"As
palavras
dos
sábios",**

diz o Eclesiastes,

**"são como
agulhões,
e como
cravos
fixados no
alto,
que por
meio do
conselho
dos Mestres
nos foram
comunicadas
pelo único
Pastor.**

**Não
busques,
pois,
meu filho,
mais alguma
coisa além
destes.**

**Não se põe
termo em
multiplicar
livros,
e a
meditação
frequente é
aflição da
carne".**

Ec1.
12,
11-
12





Estudar com o propósito de ensinar.

Eis algo que, tanto quanto sabemos, Hugo não ensinou por escrito, mas o fêz mais do que manifestamente pelo exemplo. Aqueles que estudam para um dia poderem ensinar, seguindo o preceito de Cristo, são os que encontrarão a inspiração do Espírito Santo. E foi a aqueles a quem Jesus acabava de pedir que ensinassem que Ele também prometeu que permaneceria com eles até o fim dos tempos (Mat 28,20).





Aspirar às coisas mais altas.

***"O que
eu
mais
desejo",***

termina aqui Hugo de São Vitor,

***"é mostrar
como
aqueles que
de boa
vontade se
dedicam ao
aprender
são dignos
de louvor. É
necessário,
porém, e
tarefa de
grande
importância,
prevenir aos
eruditos
para que não
ocorra que
talvez
voltem os
seus olhos
para aquilo
que ficou
para trás e
consolar aos
principiantes
se às vezes
desejam já
chegar onde
aqueles
estão. Nosso***

***propósito
deverá ser,
portanto, o
de subir
sempre.
Roguemos,
pois, à
sabedoria,
para que se
digne
resplandecer
em nossos
corações e
iluminar-nos
em seus
caminhos
para
introduzir-
nos naquele
banquete
puro e sem
animalidade".***

Didascalicon

V,8; V,9;

VI,13

São Paulo, 15 de outubro de 1994

